PRODUZIR

O AGRO ADAPTA-SE A UMA NOVA REALIDADE

TERESA CRISTINA VENDRAMINI
Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)



NOVOS RECORDES nas exportações do agronegócio brasileiro serão alcançados neste ano, reforçando o nosso otimismo para 2023. As cifras mais recentes enchem-nos de orgulho, pois podem incrementar em um terço os US$ 120,5 bilhões registrados em 2021. Nesse resultado, colaboram os preços elevados e o aumento de volumes, com destaque para o milho, podendo dobrar para mais de 40,0 milhões de toneladas.

Esse desempenho crescente está relacionado ao fato de o campo avançar na produtividade e usar novas tecnologias, somado aos esforços das cadeias produtivas e do poder público para a abertura de novos mercados. Mas um alerta precisa ser feito, pois ainda temos uma alta dependência da China, para onde 60% das exportações do agronegócio são direcionadas. Neste ano, o crescimento econômico chinês mostra desaceleração.

Além disso, os chineses já demonstraram planos ambiciosos para aumentar a produção doméstica e reduzir a dependência das exportações. Há quem duvide que isso seja viável, em especial no que se refere a soja, milho e carnes, porém é algo a ser bem observado. Desde 2019, a China estabeleceu a meta de produzir cerca de 23,0 milhões de toneladas de soja até o final de 2025 – um aumento de 40% em relação aos atuais níveis, de 16,4 milhões de toneladas.

Outro sinal amarelo está relacionado aos países europeus, importantes compradores da agropecuária brasileira, que sinalizam barreiras ligadas às questões de sustentabilidade. Isso poderá trazer desafios adicionais para o produtor rural. Um dos pontos de maior preocupação está no acordo chamado de "Green Deal". Essa legislação aprovada pelos países da União Europeia poderá restringir as importações de produtos associados ao desmatamento.

A SRB, por meio do seu Comitê de Relações Internacionais, aprofunda-se nesse tema, tendo realizado, recentemente, uma reunião com Tatiana Prazeres, atual diretora de Relações Internacionais da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e ex-secretária da Secretaria de Comércio Exterior do Brasil (SECEX).

Na oportunidade, Prazeres informou que "cerca de 77% da pauta das exportações do agronegócio brasileiro para o bloco europeu está na lista de produtos que podem ser impactados por essa legislação". "A lógica do comércio internacional está mudando, e o agronegócio brasileiro deve apostar no diálogo para seguir crescendo nas exportações", completou a especialista.

Esse conselho oportuno precisa ser ouvido. A situação chama a atenção porque, ao contrário do que ocorria anos atrás, ficou muito difícil contestar na Organização Mundial do Comércio (OMC) medidas ancoradas em padrões de sustentabilidade e conduta ambiental, apesar de, muitas vezes, elas serem de caráter protecionista.

Enfim, os dados apresentados pelos especialistas em Relações Internacionais só reforçam a visão de o Brasil consolidar-se como uma potência agroambiental, atendendo a demanda crescente por segurança alimentar mundialmente. Não será um caminho fácil. Existem dúvidas e entraves sobre a mensuração das emissões de carbono na agropecuária. A compensação financeira para os produtores rurais adotarem práticas sustentáveis ainda está longe do desejado. Mas, com dedicação, diálogo e persistência, caminharemos juntos para mais essa conquista. Basta acreditar. ■

Apesar do difícil caminho à frente, o Brasil precisa consolidar-se como uma potência agroambiental.